

A história de uma mulher

QUE CASOU COM DOIS HOMENS

Era há dois anos casado
Quando foi mobilizado
Pró ultramar embarcou
De voltar grande fé tinha
A esposa e uma filhinha
Na sua terra deixou

Foi um herói muitas vezes
Mas passados nove meses
Grande combate se deu
Alguém lembrou-se escrever
A esposa dele a dizer
O seu marido morreu

Quando alguém a lamentava
Respondia e não chorava
Já foi Deus que assim o quis
Morreu qu'importa lá foi
Sou viúva d'um herói
Não me sinto infeliz

Meio ano decorreu
Quando um rapaz lhe apareceu
Seu antigo namorado
A propor-lhe casamento
Mas com todo o sentimento
Por ela foi recusado

Os meus sogros que diriam
Se tal coisas eles veriam
E' caso p'ra censurar
Por isso vamos a ver
O que eles possam fazer
Estão minha filha a criar

Com os sogros foi falar
Com respeito a se casar
Que lhe dizem em seguida
O povo não faz reparo
Casa e já tens amparo
Prá menina, e tua vida

Casou; e tempo decorrido
Do seu segundo marido
Nasceu um lindo menino
Nova vida lhe sorri
Mas não ficou por aqui
Ó que sorte ó que destino



Dois anos passados vão
Quando no seu coração
Estava tudo esquecido
Uma carta anunciava
Que ao Continente voltava
O seu primeiro marido

Não morava onde morou
Por isso a carta que chegou
Foi p'los sogros recebida
O filho foram esperar
Para tudo lhe contar
A respeito da sua vida

Da melhor maneira quis
Apelar para um juiz
Era uma casa arruinada
Com muita razão dizia
Sua mulher não podia
Ser com dois homens casada

Mas em vez do tribunal
É a mulher afinal
Quem resolve tal questão
De pecar tinha receio
Porque não podia ao meio
Partir o seu coração

Um dos dois tem que deixar
E pediu para anular
Seu segundo casamento
E ao seu primeiro marido
Que nunca tinha esquecido
Abraçou com sentimento

Com malícia ou sem malícia
Foi uma falça notícia
Que deram talvez sem querer
Pois tudo quanto se deu
E com estes aconteceu
Pode a outros suceder

Leiam prestem atenção
A esta linda colecção
Que jamais viram igual
Pois tudo quanto se passa
Seja de rir ou desgraça
O ler a ninguém faz mal

Afinal não tinha nada

Um velho de oitenta e oito
Uma noiva de dezoito
Souu para conquistar
Que apesar da sua idade
Quer fazer a felicidade
Da mulher com quem casar

Que tinha muito dinheiro
Três prédios no Ariciró
E uma quinta em Sacavém
Que duma orquestra faz parte
Com seu instrumento com arte
Que se ageita muito bem

CORO

A noiva soltou três ais
Quando pensou sem demora
Que o velho valla mais
Que alguns rapazes de agora

Se neste mundo de enganoso
Nunca se viu par igual
Ela com dezoito anos
E o velho oitenta e tal

Na noite do casamento
Fica a noiva arreliada
A respeito de instrumento
O velho não tinha nada
Quando ouvia algum dichote
Em casa com o velhote
Dizia a noiva com graça
Que importa cabelos brancos
Se tem dinheiro nos bancos
E automóveis na praça

O velho telmoso é
Quer que ela tenha um bebé
Que seu herdeiro há-de ser
Diz ela se ele se esforça
O' homem já não tens força
Nem jeito para o fazer

Grande Marcha de Lisboa

Marcha Popular

Letra: ARTUR RIBEIRO

Lisboa bairrista e popular;
Em Junho tem que armar,
Em cada largo um bailarico;
E estalam foguetes lá no céu,
E bailas tu mais eu,
Pois sem bailar também não fico.

Quando passa
Só Lisboa vai tão bela;
Só Lisboa tem pregões,
E acende seus mil balões,
P'ra fazer inveja à Lua.
Só Lisboa tem pregões

Só Lisboa
Tem tal raça,
Só Lisboa traz chinelo;
Só Lisboa é popular,
E vai na marcha a cantar,
E bailar de rua em rua!

Lindas alcaçofras p'ra vender;
Quem quer comprar? Quem quer
Para queimar nesta fogueira;
E ao crescer das chamas reparai:
Quem vai saltar, quem vai...
Para ter sorte a noite inteira!

Tip. Batalha & Irmã - Av. Saraiva de Carvalho, 55 - PORTO

Letras extraídas dos discos visados pela Delegação da Inspeção Geral dos Espectáculos
Pedido, pela casa dos Gramofones - Rua do Bonjardim - PORTO

Pedidos a João Antunes - Rua dos Bragas, 144 - PORTO - Telefone, 28239